

ANA CLÁUDIA CAVALCANTE,  
ANTÔNIA PEREIRA BEZERRA,  
CELSO DE ARAÚJO OLIVEIRA JR.

**A Edição número 51** do Cadernos do GIPE-CIT, **TÉCNICAS, JOGOS, IMPROVISAÇÕES E RITOS: UM DOSSIÊ SOBRE A ATUAÇÃO CÊNICA**, pretende colaborar com a sistematização do conhecimento acerca de linhas de atuação, processos de criação, de treinamento, bem como com a formação de atuantes para multimeios e em diversas modalidades artísticas, tais como o teatro; a dança; o cinema; as produções ficcionais televisivas; os produtos ficcionais feitos para *streaming* e para canais e plataformas da internet; as performances; as criações circenses; além de produções artístico-pedagógicas que se valem das diversas formas de atuação cênica, em processos de criação, desenvolvidos por educadores-artistas e estudantes.

A edição aborda linhas de atuação, processos de criação, de formação, de treinamento, pedagogias, exercícios e técnicas, por meio dos seguintes artigos e ensaios:

No artigo **FOGÃO DE OURO OU FOGÃO DOS DEUSES: um estudo sobre as potencialidades do *Tanden* para o desenvolvimento do corpo cênico**, Cleyton Alves propõe processos de investigação psicofísicos utilizando fundamentos e princípios dos exercícios corporais advindos do teatro associados a técnicas do Karatê. Dessa forma, considera possível descobrir como ativar o *Tanden* e utilizá-lo de forma consciente no momento da cena. O artigo convida o leitor a uma reflexão sobre a utilização dessa energia vital em benefício do desenvolvimento do corpo



cênico. As reflexões levantadas objetivam colaborar com o campo de estudo acerca da *pré-expressividade*, ressaltando as potencialidades de princípios e técnicas das artes marciais para o desenvolvimento da arte do ator no teatro e no cinema.

O artigo ***RISCO: processos criativos de espetáculo circense para a rua***, de Letícia Mello Neves e Joice Aglae Brondani, visa relatar, de forma descritiva e reflexiva, o processo de criação do espetáculo de rua *Risco*, que foi realizado com base em pesquisas, atividades formativas, experimentos cênicos e experiências pessoais da atuante/encenadora Letícia Mello. Trata-se de um espetáculo circense que utiliza acrobacias, pirofagia, além de imagens e alegorias construídas a partir da linguagem da palhaçaria. Busca tensionar a ideia de sonho com a de realidade, contendo referências do estilo estético *steampunk*, refletindo sobre a importância do olhar sonhador. Com base em metodologias desenvolvidas pelas artistas/pesquisadoras Joice Aglae Brondani e Renata Cardoso, foi feita a descrição dos processos de encontro com a máscara da palhaça (Bitoca Ual); a preparação corporal; a criação da visualidade do espetáculo-solo, bem como a criação da sua dramaturgia.

A pesquisadora Brenda Urbina, no ensaio ***A ILHA QUE EU SOU: mapeamento performativo do corpo-território***, apresenta um relato analítico sobre uma prática artística, que é definida como um jogo de mapeamento somático-performativo. A experiência artística tem o objetivo de “expelir” vivências, através de um *mapeamento*, e encontrar, na clivagem entre “zonas de paz” e “zonas de guerra” de corpos indignados, a demarcação do limite daquelas experiências no repertório das memórias corporais dos *performers*. Conforme a artista/pesquisadora, a potência do mapeamento, análise do corpo como território em disputa, é um catalisador para a criação performativa e, com isso, instaura um estado de presença e de inventividade, que delinea uma identidade ética, poética e estética nas criações cênicas.

Em busca de *mais presença do que representação; mais experiência partilhada do que transmitida; mais processo do que resultado; mais manifestação do que significação; mais impulso de energia do que informação*, a professora e pesquisadora Cristiane Santos Barreto apresenta um relato analítico-descritivo de experimentação desenvolvida com estudantes da Licenciatura em Teatro. No artigo de sua autoria, ***COMO TUDO ISSO ATRAVESSOU NOSSOS CORPOS? Relato de uma experiência com práticas pedagógicas performativas***, enfoca a ação performativa em processos educacionais. Dentre as principais referências do experimento, destacam-se os



estudos sobre os *viewpoints*, de Anne Bogart e Tina Landau; a noção de teatro pós-dramático, partindo da obra referencial de Hans-Thies Lehmann; o teatro performativo, com Josette Féral; e a *cartografia* como metodologia de pesquisa-intervenção, com Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia.

Como lidar com a morte como chave e agrupamento de recursos que ativem novas formas no processo criativo do ator e da atriz de teatro, através do treinamento do corpo dos atuentes implicados? Onde reside a morte no nosso corpo-humano-em-vida, porém no corpo energético teatral? Quais pistas nos oferecem uma possível ontologia do corpo teatral para dar seguimento aos estudos sobre o corpo em cena? No ensaio **CORPO ENERGÉTICO TEATRAL E MORTE: pistas e provocações para pensar a morte como dispositivo de um novo bios-cênico**, Luis Alonso-Aude parte da experiência laboratorial com seu próprio corpo, articulando fundamentos disciplinares da Ontologia, da Filosofia do Teatro e da Fenomenologia.

No artigo **IMPROVISAÇÕES NO ESCURO: análise inicial da performance corporal às cegas**, o pesquisador e *performer* Augusto Henrique Lopes Costa apresenta, por meio de relato descritivo-analítico, considerações a respeito de experiências em processos artísticos corporais às cegas. O estudo teve como base práticas artísticas orientadas para a coleta de dados sobre performatividade do corpo. A partir de um referencial teórico/visual, desenvolve uma perspectiva diante dos dados e informações coletados, apresentando variações do trabalho corporal realizado sem o exercício da visão, investigando como isso pode afetar a criação e expandir o repertório corporal do atuante pelos sentidos, qualificando a performance e suas potencialidades dramatúrgicas.

Em **TEATRO EM AMBIENTES DIGITAIS: práticas e emergências cênicas em tempo de convergência de meios e de linguagens**, Denni Sales reflete sobre a expansão da encenação teatral em ambientes digitais a partir do contexto da pandemia causada pela covid-19. O objetivo do artigo é analisar a convergência de linguagens para meios digitais, inclusive a linguagem do teatro, considerando que o uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) foram vitais para a sobrevivência de muitos artistas durante o período abordado pelo estudo. Sales, nesse trabalho, compartilha experiências com o denominado Teatro Digital, que desenvolvem estratégias criativas no campo da atuação cênica, destacando a linguagem da performance como um ponto de conexão entre o teatro e a linguagem digital. A experimentação aconteceu na cidade de Manaus, por meio de uma parceria com o coletivo Nupramta, vinculado à Universidade do Estado



do Amazonas (UEA). Registra-se que a imagem da capa desta edição do “Cadernos do GIPE-CIT”, capturada por Denni Sales (que está também em cena), é do espetáculo híbrido *Apnéias: Ofélias*, relacionado ao estudo apresentado. A gravação foi feita em uma floresta próxima ao rio Solimões, em Iranduba, a 38,1 km de Manaus.

Na seção FOLHAS AVULSAS, o artigo **EXPERIÊNCIAS A PARTIR DO COMPONENTE PROCESSOS DE ENCENAÇÃO COMO PISTAS PARA PRÁTICAS DECOLONIAIS** tece reflexões sobre processos de encenação, em busca de modos mais dialógicos e horizontalizados de criação, que valorizem singularidades, saberes, conhecimentos, tendências e experiências dos estudantes, desenvolvendo o interesse pela pesquisa da linguagem, por práticas pedagógicas diferenciadas e por processos artísticos colaborativos, apontando caminhos para uma perspectiva decolonial. A professora e pesquisadora Ana Paula Penna, orientadora do processo descrito, desenvolve o texto juntamente com alguns dos estudantes implicados na experiência: Amanda Mayer, Gabriel Carvalho, Kael Brito, Micaela Santos e Monalisa Barbosa. O trajeto se sustentou na noção de *experiência*, de Jorge Larrosa Bondía; nas discussões acerca do surgimento do *encenador* – nas perspectivas de Jean-Jacques Roubine e Walter Lima Torres Neto; nas Pedagogias das Encruzilhadas, de Luiz Rufino; na concepção de educação para a liberdade, de bell hooks; e na Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire.

Em **APONTAMENTOS SOBRE A ATUAÇÃO PARA A CÂMERA: em prol de uma formação multimidiática**, como prefácio a esta edição, Ana Cláudia Cavalcante reivindica uma formação dialógica e multimidiática que contemple os desafios que o atuante da cena contemporânea enfrenta diante da convergência de meios e de linguagens na internet, realidade cultural que altera as formas de pensar a realização, a formação do ator/brincante/*performer* e a sua relação com seus próprios anseios e com as expectativas de um espectador, cada vez mais ativo.

E, finalmente, com o prefácio **O LABIRINTO DE DÉDA: somos todos seus Ícaros**, Celso de Araújo Oliveira Jr., de maneira testemunhal, homenageia a trajetória do ator, diretor e professor Harildo Déda, que desenvolveu uma metodologia voltada à interpretação no teatro, se consagrando como mestre de gerações de atuantes das artes cênicas.